

APAGAMENTO DO /r/ EM FINAL DE PALAVRAS: O QUE DIZEM OS TEXTOS ESCOLARES

DELETING THE /r/ IN END OF WORDS: WHAT THE SCHOOL TEXTS SAY

Josenildo Barbosa Freire¹

Dermeval da Hora Oliveria²

Recebido em: 15/06/2019

Aprovado em: 20/07/2019

Publicado em: 30/07/2019

Resumo

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar como ocorre o processo de variação linguística do apagamento do segmento /r/ em final de palavras, como em: canta[r] ~ canta[Ø], em textos produzidos por alunos de uma escola pública de ensino, do interior do Rio Grande do Norte. Seguem-se os pressupostos da Teoria da Variação Linguística de cunho laboviana (LABOV, 1963; 1966, 2008 [1972]). O *corpus* analisado é constituído por uma amostra de oitenta e três textos, produzidos por alunos do ensino fundamental, e pertencentes à sequências textuais diferentes. Esse *corpus* está estratificado socialmente por sexo, nível de escolaridade, faixa etária e variáveis linguísticas. E para tratamento estatístico, após a obtenção das ocorrências e codificação, foi utilizado o pacote de Programa do Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Os resultados obtidos demonstraram que o uso linguístico do fenômeno variável em análise está vinculado às pressões internas e externas. Nesta pesquisa, essa realidade sociolinguística é verificável pela escolha feita pelo Goldvarb X das variáveis: classe de palavra, nível de escolaridade dos informantes e tipologia textual, confirmando, assim, nossa hipótese central: o apagamento do /r/ em final de vocábulos está condicionado por fatores linguísticos e sociais. Sendo assim, também, chamam a atenção para que as práticas pedagógicas de produção textual sejam sensíveis à diversidade sociodialetoal dos escreventes, sobretudo, porque sendo o uso linguístico variável e demonstrado por contextos diferentes, tanto linguísticos quanto sociolinguísticos, é necessário que as escolas desenvolvam atividades pedagógicas que possibilitem a aquisição e reflexão de diferentes usos da língua.

Palavras-chave: Variação; Apagamento do /r/; Produção Textual; Ensino de Língua Portuguesa.

Abstract

The objective of this work is to describe and analyze how the process of linguistic variation of the deletion of the / r / segment occurs in the end of words, as in: cantar [r] ~ canta [Ø], in texts produced by students of a public school in the Rio Grande do Norte state's interior. The following are the assumptions of the Theory of Linguistic Variation of labovian intent. (LABOV, 1963; 1966, 2008 [1972]). The analyzed *corpus* consists of a sample of eighty - three texts, produced by students in elementary school, and belonging to different textual sequences. This *corpus* is stratified socially by gender, level of education, age group and linguistic variables. For statistical treatment, after the extraction of the occurrences and codification, we used the Program package of Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). The results obtained demonstrated that the linguistic use of the variable phenomenon under analysis is linked to internal and external pressures. In this research, this sociolinguistic reality is verifiable by the choice made by Goldvarb X of the variables: word class, level of education of the informants and textual typology, thus confirming our central hypothesis: deletion of the / r / in the end of words is conditioned linguistic and social factors. Therefore, they also draw attention to the fact that the pedagogical practices of textual production are sensitive to the sociodialetoal diversity of the writers, above all because the use of language is variable and demonstrated by different contexts linguistic as well as sociolinguistic, so it is necessary for schools to develop pedagogical activities that make possible the acquisition and reflection of different uses of the language.

Keywords: Variation; Deleting /r/; Text production; Teaching of Portuguese Language.

¹ Graduação em Letras. Pós-Graduação. Mestrado Teoria e Análise Linguística. Doutorado em Linguística. Professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino. ORCID: 0000-0003-3637-471X. E-mail: josenildo.bfreire@hotmail.com.

² Docente da Universidade Federal da Paraíba. Mestre e doutor em Linguística. ORCID: 0000-0001-9303-5664. E-mail: dermeval.dahora@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Os estudos variacionistas têm evidenciado que o sistema linguístico é sensível a condicionamentos fonológicos, morfológicos, sociais, dentre outros, que, por sua vez, indicam que os usos linguísticos se adequam às necessidades sociocomunicativas dos falantes. Não há isomorfismos entre os falares/falantes.

Assim, os fenômenos de variação linguística ocorrem tanto na modalidade oral da língua quanto no eixo da escrita. Apesar de os primeiros trabalhos variacionistas concentrarem-se na análise de *corpora* orais, contudo, processos de variação presentes na fala podem ser transpostos para os textos escolares e considerados, numa abordagem tradicional de ensino, como erros ortográficos.

Entendemos que é necessário investigar, também, como processos e fenômenos relevantes, já amplamente verificados no eixo oral da língua, são atestados na língua escrita e que repercussões são impostas ao ensino de língua portuguesa.

Neste trabalho, objetivamos descrever e analisar, em produções de escrita escolar, de alunos do 7º ao 9º ano, do Ensino Fundamental, os contextos que favorecem o apagamento e a manutenção do –r final de vocábulos, à luz da proposta teórico-metodológica da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1963, 1966, 2008 [1972]).

A questão norteadora que guiou o estudo é a seguinte: como as formas verbais infinitivas e formas não verbais são representadas na escrita escolar dos alunos participantes dessa investigação?

Para alcançar esse objetivo, assim estruturamos o texto: na primeira seção, apresentamos aspectos do objeto de estudo; na segunda, expomos tópicos relacionados à Teoria da Variação, abordagem que fundamenta a pesquisa; na terceira seção, por sua vez, descrevemos o percurso e o desenho metodológico utilizado; na quarta seção, descrevemos e analisamos os dados à luz do suporte que sustenta esta investigação, e por fim, apontamos as considerações finais do estudo.

1 OBJETO DE ESTUDO

A variação linguística envolvendo o apagamento do “r” tanto ocorre na língua falada quanto na língua escrita, seja na posição silábica de coda final (externa) ou na posição de coda medial (interna).

Segundo Callou (2015, p. 48):

Pode-se dizer que o apagamento do R em posição de coda é um fenômeno antigo na língua portuguesa. O processo, em seu início considerado uma característica dos falares incultos, era utilizado, nas peças de Gil Vicente, para singularizar o linguajar dos escravos.

Ainda segundo Callou (2015), a consoante R está inserida no grupo de consoantes que ocupa a coda é constituída por uma das seguintes consoantes: /S/; /r/; //; /N/.e permite ser cancelado no Português do Brasil. Essa realidade sociolinguística dos falantes permite compreender que os usos linguísticos recebem e são associados a valores sociais diferentes, por exemplo,

Oliveira (2001) e Linares et al (2008), respectivamente, também atestam:

O apagamento da variável (r) em sílaba final de vocábulo já não é um fenômeno tão recente na língua portuguesa do Brasil. (...) É depois do período do português arcaico que o fenômeno de apagamento do (r) em final de vocábulo se estende a diferentes classes de palavras e estratos sociais, visto que era inicialmente comum principalmente nos infinitivos. Essa realização aparecia no teatro como característica da fala do negro, e, durante muito tempo, foi também identificada como própria dos estratos sociais mais baixos (OLIVEIRA, 2001, p. 5).

É um fato existente na língua o predomínio do apagamento da consoante final nos infinitivos verbais e essa tendência é observada não apenas no dialeto carioca, mas em quase a totalidade do dialeto brasileiro, devido à dinamicidade que a sociedade requer para a comunicação e à vivacidade que a língua falada possui (LINARES et al, 2008, p. 7).

Ao realizar o mapeamento sociolinguístico do Português do Brasil, especificamente, em relação ao apagamento do R, Callou (2015) apresenta algumas das possíveis razões morfológicas, fonológicas e sociais para a realização desse fenômeno.

Do ponto de vista morfológico, esse fenômeno sociolinguístico demonstra-se sensível à classe dos verbos: nesses itens, o cancelamento se dá acima dos 60%, e, nas demais classes morfológicas, abaixo de 40%, conforme as análises a partir dos dados do NURC.

Em relação aos aspectos fonológicos, afirma Callou (2015, p. 50), “[...] o apagamento torna a sílaba aberta, modificando a estrutura silábica e alcançando o padrão ideal CV”; como também, “[...] é uma tendência a tornar maior a distância entre a sonoridade do núcleo para a coda” Callou (2015, p. 51).

FREIRE, J. B; OLIVERIA, D. H

Já no que diz respeito às variáveis sociais como fonte de condicionamento linguístico, segundo Callou (2015, p. 49), também, nos dados do NURC/RJ, nos falantes com grau universitário, “[...] há um aumento de frequência de apagamento, da década de 1970 para 1990”.

Contudo, a pesquisadora conclui que o apagamento do R se trata de um processo de variável estável, sem marcas de classe social, ou seja, nos termos labovianos, consiste em uma mudança de baixo para cima. A autora destaca: “[...] é possível afirmar que, em coda final, o cancelamento do R transpôs qualquer estratificação social e se estendeu a todos os falantes do Português brasileiro, com percentuais diferentes por região.” (CALLOU, 2015, p. 50).

No que concerne aos estudos realizados sobre o apagamento do R em contexto de escrita, Pinheiro (2014), por exemplo, atesta que esse fenômeno ocorre predominantemente nas formas verbais, em produtores de textos de ambos os sexos e independentemente da idade e do nível de escolaridade.

No estudo realizado por Ribeiro (2013), também em contexto de produção escrita, a manutenção do R atingiu o percentual de 86.9%, enquanto o apagamento alcançou a porcentagem de 13.1%, nos dados de produções escritas de alunos de ensino básico (5º e 9º anos do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio) das redes pública e privada de Salvador. Porém, conclui a autora:

Os resultados revelaram que, na escrita, o fenômeno é pouco presente e, à medida que o aluno avança nas séries do ensino básico, a manutenção dos róticos em posição de coda silábica é mais recorrente, evidenciando, deste modo, o papel decisivo da escola como lugar de manutenção do padrão linguístico. (RIBEIRO, 2003, p. 8).

Discutir aspectos voltados para o apagamento “r” em produções escolares é também refletir acerca das relações estabelecidas entre a escrita e a oralidade. Visto que sendo nosso sistema de escrita de base alfabética, o aprendiz tende a suprimir ou acrescentar letras para representar o que quer expressar. Nesse sentido,

Nos primeiros anos de escolarização, principalmente, é muito comum o indivíduo transpor para a escrita os fenômenos linguísticos que permeiam sua fala. Desse modo, não é raro o professor encontrar na produção escrita das séries iniciais palavras grafadas não segundo as normas ortográficas, e sim de acordo com o modo como estes falantes as pronunciam. Na maioria dos casos, é o contato estreito com a escrita, que mantém um caráter fortemente regulamentador dos usos da língua, quem

FREIRE, J. B; OLIVERIA, D. H

se encarrega de agir no sentido de forçar a recuperação de determinados segmentos que normalmente são cancelados por interferência da fala (COSTA, 2009, p. 75).

Desse modo, a escola precisa compreender que certos fenômenos de variação linguística já presentes na fala podem ser transpostos para os textos escolares, os quais não constituem erros ortográficos. Assim, o ensino deve ser sensível às diferenças sociodialetais dos seus alunos.

Desse modo, para Marcuschi (2007), ao se pensar na modalidade escrita e na modalidade oral da língua:

O interessante nesta perspectiva é que a variação se daria tanto na fala como na escrita, o que evitaria o equívoco de identificar a língua escrita como a padronização da língua, ou seja, impediria identificar a escrita como equivalente a língua padrão, como fazem os autores situados na perspectiva dicotomia estrita. (MARCUSCHI, 2007, p. 32).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As pesquisas variacionistas de cunho laboviano alcançaram seus primeiros resultados com os trabalhos sociolinguísticos realizados por Labov (1963, 1966), nos Estados Unidos, a partir da década de 1960, ao estudar dois fenômenos sociolinguísticos – centralização dos ditongos (ay) e (aw) e apagamento do “r” no inglês vernacular falado –, em duas comunidades de fala, Martha’s Vineyard e Nova York, evidenciando que o uso desses dois processos está, também, condicionado por restrições de natureza social.

O objeto de estudo da Teoria da Variação é a língua falada por uma determinada comunidade de fala. A variação linguística ordenada é uma característica inerente a qualquer língua natural. De fato, a língua é um sistema que evolui permanentemente e buscar organizar as mutações desencadeadas por diferentes fenômenos linguísticos e por diversos parâmetros (MARQUILHAS, 1996).

Dentre outras contribuições teórico-metodológicas, a Teoria da Variação introduziu a noção de regra variável nas pesquisas sociodialetais em oposição ao modelo de regra categórica, postulada pelo Gerativismo. Ou seja, a maneira que os falantes têm em dizer a mesma coisa em diferentes formas.

Na abordagem variacionista, a relação entre língua e sociedade é indispensável. É por meio da língua que os falantes realizam as mais diversas situações comunicativas.

FREIRE, J. B; OLIVERIA, D. H

Além disso, a língua possibilita ao indivíduo situar-se na sociedade essa relação também fica evidente quando se observa aspectos relacionados, por exemplo, às exigências atuais do mercado de trabalho, quando se percebe que a mulher, geralmente por questões culturais, exerce o papel de principal educadora do lar ou quando se associa a língua com fatos ligados a idade, jargões de classes específicas ou a um determinado tipo de discurso político.

De acordo com Hora (2004, p. 18), a Teoria da Variação:

Situa-se em relação ao conjunto língua e sociedade, considerando a variedade das formas em uso como objeto complexo, decorrente dos fatores internos, próprios do sistema linguístico, e dos fatores sociais que interagem no ato da comunicação. A variação da língua constitui, portanto, um dado relevante da teoria e da descrição sociolinguística.

A Sociolinguística Variacionista tem demonstrado que a língua de uma comunidade de fala apresenta marcas que identificam os seus falantes. Essas marcas, sejam elas de sexo, nível de escolaridade, classe social, etnia, evidenciam que o falante utiliza formas diferentes de falar porque o sistema linguístico o possibilita realizar escolhas. Dessa forma, segundo Weinreich et al. 2006 [1968], o conceito de regra variável contradiz o paradigma de categoricidade.

Ainda de acordo com Weinreich et al. 2006 [1968], são dois os princípios básicos para o estudo da língua no campo da Sociolinguística Variacionista: (i) deixar de identificar estrutura linguística com homogeneidade e conceber como opção racional a possibilidade de descrever ordenadamente a diferenciação numa língua que serve à comunidade; (ii) entender que as gramáticas nas quais uma mudança linguística ocorre representam gramáticas de comunidades de fala.

Nesse sentido, constata-se que os parâmetros da variação linguística são diversos e que só a análise dos dados linguísticos pode revelar as motivações linguísticas e não linguísticas que condicionam os fenômenos linguísticos existentes em uma determinada comunidade de fala.

3 METODOLOGIA E CORPUS

A metodologia deste trabalho seguiu os parâmetros da pesquisa variacionista de cunho laboviano. Ou seja, optou pela perspectiva quantitativa de abordagem os dados

FREIRE, J. B; OLIVERIA, D. H

coletados (CEDERGREN; SANKOFF, 1974; BRESCANCINI, 2002; TAGLIAMONTE, 2006; GUY; ZILLES, 2007). Assim, apoiamos-nos nesse modelo teórico-metodológico, baseado em dados estatísticos e probabilísticos para dar suporte ao conceito de regra variável, possibilitando a observação de frequências e probabilidades para auxiliar na explicação do fenômeno variável em tela.

O *corpus* analisado nesta pesquisa é constituído por uma amostra de 83 (oitenta e três) textos, representativos de diferentes gêneros textuais, produzidos por alunos do Ensino Fundamental 7º ao 9º anos, e pertencentes a sequências textuais distintas.

Em relação ao envelope de variação, controlamos a seguinte variável dependente, a qual se manifesta de modo binário:

- 1) A realização do –r na posição de coda final de sílaba;
- 2) A não realização Ø.

Já no que diz respeito às variáveis independentes, foram consideradas:

- Sociais: sexo dos informantes (masculino x feminino); idade (dividida em três fatores: 11 a 12 anos; 13 a 14 anos; 15 a 16 anos); ano escolar (7º, 8º e 9º) e tipologia textual (narrativo, descrito e argumentativo).
- Linguísticas: estrutura verbal (simples x composto) e classe de palavra (nomes x verbos).

Esse *corpus* está estratificado socialmente por sexo, nível de escolaridade, faixa etária e variáveis linguísticas, Para o tratamento estatístico, após a coleta das ocorrências e codificação, foram utilizado o pacote de Programa do Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005)

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a submissão dos dados ao programa estatístico, obtivemos os seguintes resultados Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005):

Tabela 1 – Distribuição geral das ocorrências encontradas no *corpus*

Variante	Ocorrências	Percentual
[r]	410	87.6%

[Ø]	58	12.4%
Total	468	100%

Ao observar a distribuição geral dos dados encontrados nesta pesquisa, e exibidos na Tabela 1, algumas considerações podem ser apontadas: primeira, a predominância majoritária da variante [r] no *corpus* é evidente, totalizando o percentual de 87.6% das ocorrências; segunda, há a ocorrência da variante [Ø] obteve 12.4% das ocorrências, gerando o que na literatura sociolinguística chama-se de regra variável.

Há razões diversas para esses achados. Os segmentos que ocupam posição final das sílabas tendem a sofrer o processo de apagamento, uma vez que esse lugar é considerado mais frágil fonologicamente, favorecendo, desse modo, a não realização. Nesta pesquisa, na escrita, conservou-se o uso da variante [r], de acordo com o percentual de 87.6% das ocorrências verificado.

Esses achados apontam-nos, de um lado, que os alunos podem estar realizando um processo de variação na escrita de seus textos – fenômeno já amplamente atestado na fala (CALLOU, 2015), e, por outro, havendo essa frequência nos textos escolares, a escola precisa dar um tratamento didático adequado a essas realizações, afim de evitar sanção social, desconforto e/ou preconceitos linguísticos e, ao mesmo tempo, expor as razões sociais e linguísticas que favorecem o uso da forma de menor prestígio social.

Esses resultados também se aproximam bastante daqueles encontrados por Ribeiro (2013) e por Torres e Oliveira (2015), que também descreveram e analisaram o apagamento “r” em contextos de produção escrita. Os autores obtiveram os seguintes percentuais: em Ribeiro (2013), a manutenção do “r” alcançou o percentual de 86.9% e o de apagamento de 13.1%; já em Torres e Oliveira (2015), os percentuais foram, respectivamente, 78% e 22%.

O Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) selecionou como fonte de condicionamento sociolinguístico as seguintes variáveis: classe de palavra, tipologia textual e ano/nível de escolaridade dos alunos. A seguir, detalhamos esses resultados.

4.1 Variável classe de palavra

FREIRE, J. B; OLIVERIA, D. H

Essa foi a primeira variável apontada pelo programa estatístico utilizado nesta pesquisa como forma de correlacionamento sociolinguístico relevante. A Tabela 2 ilustra esses resultados.

Tabela 2 – Efeito da variável classe de palavra sobre o apagamento do [r] em textos escolares

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Nome	138/142 = 97.2%	0.74
Verbo	272/326 = 83.4%	0.38
Total	410/468 = 12.4%	

Input: 0.923 Significância: 0.002

De acordo com a Tabela 2, a variante [r] é favorecida quando ocorre em itens lexicais classificados como nomes e não como verbos, visto que o peso relativo de 0.74 é indicador da aplicação da regra variável em estudo, enquanto o de 0.38, atribuído ao fator verbo, constitui-se em um indicador desfavorável.

Entendemos que a natureza da classe de palavra favorece o uso de “r” entre os nomes em face dos verbos, visto que esses, em relação àqueles, são mais flexíveis e maleáveis, permitindo mais alterações, como, por exemplo, parece que é muito mais provável realizar canta[Ø] de que em melho[Ø].

Esses resultados também se alinham aos que foram encontrados por Oliveira (2001):

Os resultados referentes à classe de palavras confirmaram o que tradicionalmente se comenta a respeito do comportamento da variável (r) nos verbos. Os resultados nos dizem que é nele que se processa o maior índice de apagamento. Tradicionalmente, o verbo tem sido uma das classes de palavra na qual mais ocorre o apagamento. (OLIVEIRA, 2001. p. 54).

4.2 Variável tipologia textual

A segunda variável selecionada pelo programa foi a variável tipologia textual. A Tabela 3 exibe esses o resultado.

Tabela 3 – Efeito da variável tipologia textual sobre o apagamento do [r] em textos escolares

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
---------	---------------------------------	------------------

FREIRE, J. B; OLIVERIA, D. H

Argumentação	250/261= 95.8%	0.67
Descrição	100/116 = 86.2%	0.39
Narração	60/91= 65.9%	0.18
Total	410/468 = 12.4%	

Input: 0.923 Significância: 0.002

Segundo a Tabela 3, o uso da forma “r” é favorecido estatisticamente quando sua ocorrência se dá em textos pertencentes à tipologia argumentativa em detrimento das sequências descritivas e narrativas. Os respectivos pesos relativos atribuídos esses fatores confirmam essa proposição, sobretudo, porque entre eles há um distanciamento numérico que indica esse favorecimento.

Os textos são resultantes de circunstâncias sociocognitivas diferentes, o que conseqüentemente, levar o falante a fazer escolhas diversas durante a sua produção. Assim, por exemplo, o uso de pretérito perfeito ou imperfeito não ocorre em todas as sequências tipológicas, ou mesmo o uso do modo imperativo.

Na proposta de Schneuwly et al. (2004), a tipologia do textual do argumentar está inserida no domínio de discussão de problemas sociais controversos e exige a sustentação, refutação e negociação de tomada de posição. O tipo textual argumentativo, segundo a proposta de Werlich (1973 apud MARCUSCHI, 2005, p. 25-26), demanda o uso de sequências contrastivas explícitas.

Nesse sentido, compreendemos o favorecimento do fator argumentação, ou seja, a produção de textos argumentativos requer o uso de diversas operações de linguagem, como, por exemplo, atenção, concentração etc., o que pode propiciar a emersão das formas linguísticas de maior prestígio.

4.3 Variável nível de escolaridade

A terceira e última variável selecionada pelo programa foi a variável nível de escolaridade. A Tabela 4 descreve esses resultados.

Tabela 4: Efeito da variável nível de escolaridade sobre o apagamento do [r] em textos escolares

FATORES	APLICAÇÃO/TOTAL = FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
---------	---------------------------------	------------------

FREIRE, J. B; OLIVERIA, D. H

9º Ano	250/261= 95.8%	0.67
8º Ano	100/116 = 86.2%	0.39
7º Ano	60/91= 65.9%	0.18
Total	410/468 = 12.4%	

Input: 0.923 Significância: 0.002

De acordo com os resultados exibidos na Tabela 4, há maior favorecimento da forma padrão “r” nos textos produzidos pelos alunos do 9º Ano em detrimento dos alunos do 8º e 7º. Os pesos relativos atribuídos a esses fatores confirmam esse achado: apresentam-se numa ordem ascendente conforme o nível de escolaridade, ou seja, quanto maior o nível de ano escolar dos produtores de texto, maior a manutenção do “r”.

O nível de escolaridade tem sido atestado como fator, que, classicamente, nos estudos e pesquisas sociolinguísticas, favorece o uso da variante linguística de maior prestígio social. Diversos são os estudos que evidenciam que o apagamento do (r) sofre influência do grau de escolaridade (TOLEDO, 2009; PINHEIRO, 2014; TORRES; OLIVEIRA, 2015;). Ou seja, sujeitos com tempo de escolarização maior e expostos a contextos de comunicação mais formais mantiveram a realização do “r” na posição final de palavra.

Esses resultados também atestam a força que escrita escolar desenvolve nos estudantes à medida que avançam nos anos de escolarização: dominam melhor as normas de escrita convencional. É sabido que a escola tende a ser o gatilho de controle da variação linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho descrevemos e analisamos como ocorre, no âmbito do consonantismo, o apagamento do “r” em textos escolares produzidos por alunos de uma escola pública, evidenciando quais foram os contextos que favorecem o uso dessa regra variável já amplamente atesta na língua falada.

FREIRE, J. B; OLIVERIA, D. H

Os resultados confirmaram a hipótese que se trata de um fenômeno sensível à classe de palavra, ao nível de escolaridade dos informantes e tipologia textual empregada na pesquisa.

Assim, de um lado, confirmando que já é uma tendência da língua permitir o apagamento do “r” em coda final de sílaba, sejam em textos orais ou escritos, por outro lado, os textos escolares recebendo a transposição desse processo assinalam que esse fenômeno requer um tratamento didático adequado, sobretudo, para não compreendê-lo como um erro ortográfico.

Desse modo, o modelo de ensino-aprendizagem que adote uma perspectiva centrada no processo e não somente no produto final poderá auxiliar o aluno a ser habilidoso e competente com os usos linguísticos variáveis que o sistema permite, adequando aos devidos contextos de interação em que estiver inserido.

Os resultados ainda apontam para desdobramentos em futuras pesquisas, por exemplo, como na realizada sobre estudos comparativos entre dados orais e dados escritos, em diferentes corpora, verificando como no contínuo, fala-escrita esse processo variável pode se e comportar sociolinguisticamente.



FREIRE, J. B.; OLIVERIA, D. H

REFERÊNCIAS

BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e Variação**: Recortes do Português Brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CALLOU, Dinah. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). **Mapeamento Sociolinguístico do Português brasileiro**. – São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Geisa Borges da. Reflexões sobre o apagamento do rótico na escrita das séries iniciais. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Ano 01, v. I, junho de 2009.

CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. Variable Rules: performance as a statistical reflection of competence. **Language**, v. 50, n. 2, 1974.

GUY, Gregory Riordan & ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HORA, Demerval da. (Org.) **Estudos Sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. Santa Maria: Pallotti, 2004.

LABOV, W. The social motivation of sound change. **Word**, n. 19, p. 273-307, 1963.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

LINARES, Anay Batista de Barros; PEIXOTO, Camila Rigon; MOREIRA, Tiago. **Apagamento do /r/ em final de palavras: um estudo comparativo entre falantes do nível culto e do nível popular**. 2008. Disponível em www.celsul.org.br/Encontros/08/apagamento_do_r.pdf em 14/01/12. Acesso em jun. 2019.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUILHAS, Rita. Mudança Linguística. In: FARIA, Isabel et al. (org.) **Introdução à linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. **Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba**. Tese pela Universidade Federal do Pará, 2001. Disponível em www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/tese_marilucia.PDF. Acesso em 2018.

FREIRE, J. B; OLIVERIA, D. H

PINHEIRO, Marilene Barbosa. **O apagamento do –r em formas verbais infinitivas: diferenças e semelhanças entre a escrita em meio virtual e a impressa.** XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014). João Pessoa - Paraíba, Brasil, 2014.

RIBEIRO, Lorena Nascimento de Souza. **O apagamento do -R – em posição de coda silábica: há influência da fala na escrita discente?** (Dissertação de Mestrado). – Salvador, 2013.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali e SMITH, Eric. **Goldvarb X.** Computer program. Departamento of Linguistics, University of Toronto, Canadá, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores (Orgs). **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3.ed. Campinas, SP; Mercado das Letras, 2004.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TOLEDO, Adilson do Rosário. **A realização dos róticos em coda silábica na cidade de Paranaguá litoral do Paraná.** Signum: Est. Ling., Londrina, v. 12, n.1, p.403-422, jul.2009.

TORRES, Paula Freitas de Jesus; OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O apagamento do -r no final de vocábulo em produções escolares na cidade de Feira de Santana – BA.** Cadernos do CNLF, Vol. XIX, Nº 01 – Fonética, Fonologia, Ortografia e Política Linguística. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2015.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Como citar este artigo (ABNT)

FREIRE, J. B; OLIVERIA, D. H; APAGAMENTO DO /r/ EM FINAL DE PALAVRAS: O QUE DIZEM OS TEXTOS ESCOLARES. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

FREIRE, J. B; & OLIVERIA, D. H; (2019). APAGAMENTO DO /r/ EM FINAL DE PALAVRAS: O QUE DIZEM OS TEXTOS ESCOLARES. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.